

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Leda Maria Czyzeswki

**O BRINCAR NO TEMPO E NO ESPAÇO DA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Ijuí, RS  
2016

**Leda Maria Czyzeswki**

**O BRINCAR NO TEMPO E NO ESPAÇO DA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de conclusão do Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), como requisito parcial para obtenção do título de **Especialista em Docência na Educação Infantil**.

Orientadora Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Kelly Werle

Ijuí, RS  
2016

**Leda Maria Czyzeswki**

**O BRINCAR NO TEMPO E NO ESPAÇO DA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de conclusão do Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), como requisito parcial para obtenção do título de **Especialista em Docência na Educação Infantil**.

**Aprovado em 24 de setembro de 2016:**

---

Kelly Werle, Dr<sup>a</sup> (UFSM)  
(Presidente/Orientadora)

---

Cândice Moura Lorenzoni, Ms. (UFSM)

---

Camila Borges dos Santos, Ms. (UFSM)

---

Eulália Beschorner Marin, Ms. (UNIJUI)

Ijuí, RS  
2016

## DEDICATÓRIA

*Dedico essa pesquisa às crianças, para nunca deixarem de brincar.*

## **AGRADECIMENTOS**

*Agradeço  
A Deus,  
A família,  
Aos amigos,  
A orientadora,  
As crianças...*

*“Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas”.*  
*(O Pequeno Príncipe - Antoine de Saint-Exupéry)*

## RESUMO

### O BRINCAR NO TEMPO E NO ESPAÇO DA EDUCAÇÃO INFANTIL

AUTORA: Leda Maria Czyzeswki

ORIENTADORA: Kelly Werle

A organização dos tempos e espaços adequados para estimular brincadeiras constituem etapas importantes da construção de um projeto pedagógico para a Educação Infantil. Assim, o modo como se organizam e disponibilizam os materiais, móveis e a forma como crianças e adultos ocupam esse espaço, como interagem com ele/nele, são reveladores de uma concepção pedagógica. A partir dessas vivências estruturam-se em uma rede de relações e expressam-se em papéis que as crianças desempenham em um contexto no qual os móveis, os materiais, os rituais de rotina, a professora e a vida das crianças dentro/fora da escola interferem nessas vivências. O meio no qual a criança está inserida é entendido como o campo onde ela interage e produz culturas através das brincadeiras. Inicialmente, fez-se necessário conhecer um pouco da história da infância e como esta mesma história tem produzido, em diferentes tempos e espaços, diferentes conceitos sobre a criança. Num segundo momento, a brincadeira aparece como algo essencial no desenvolvimento da criança e assim como o conceito de infância, o brincar também apresenta sua dimensão histórica e cultural. Logo após, a brincadeira assume sua forma específica de ser um fator social que pressupõe uma aprendizagem e uma importante experiência de cultura e que ao longo dos anos, vem se modificando. Nessas práticas de intervenção junto às crianças percebi que a organização dos espaços para o brincar na educação infantil é essencial para o desenvolvimento absoluto da criança, pois amplia nelas suas potencialidades e propondo o seu desenvolvimento completo de suas habilidades.

**Palavras-chave:** Educação Infantil. Brincadeira. Tempos e espaços.

## **ABSTRACT**

### **PLAYING IN THE TIME AND SPACE OF CHILDREN EDUCATION**

AUTHOR: Leda Maria Czyzeswki

GUIDANCE: Kelly Werle

The organization of adequate times and spaces to stimulate playing constitute important steps for building a pedagogical Project for Children Education. Then, the way that materials, furniture are disposed and organized, as well as the way children and adults occupy such space, how they interact in and within it are revealing a pedagogical conception. Based on these experiences a net of relations is structured and expresses itself through roles that children play in a context, in which, furniture, materials, routine rituals, the teacher and the lives of the children in and outside the school interfere in such experiences. The environment in which the child is inserted is understood as a field where it interacts and produces cultures by means of playing. Inicially, it was necessary to know a bit about the history of childhood and how the same history has been producing in different times and spaces, different concepts about the child. Secondly, playing appears as something essential in the development of the child as well as the concept of childhood, playing also presents its historical and cultural diomension. Then, playing assumes its specific form of being a social factor that implies learning and an important experience of culture which has been modified along the years. In these intervention practices with children I noticed that the organization of the spaces to play in Children Education is essential for the absolute development of the child, since it enhances their potencialities and provides the complete development of their skills.

**Key-words:** Children Education. Playing. Times and Spaces.

## LISTA DE FIGURAS

1. Eduardo e Gustavo construindo uma capa. ....	30
2. Jordana com sua capa de super - heroína .....	31
3. Gustavo e Marco com suas capas.....	31
4. Pedro e Murilo brincando na barraca com a lanterna.....	31
5. Crianças explorando o corredor com lanternas .....	31
6. Crianças na barraca com a lanterna.....	32
7. Crianças explorando a lanterna e fantasias .....	32
8. Sophia e Francine explorando a luz natural.....	33
9. Crianças brincando com fantoches .....	33
10. Isadora e Pedro brincando com fantasias.....	34
11. Crianças explorando /desenhando no papel.....	34
12. Crianças com fantasias.....	34
13. Crianças brincando com caixas.....	34
14. Somos amigas .....	35
15. Amigos brincando na pracinha.....	35



## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>MINHA HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>2</b>	<b>APRESENTAÇÃO E CAMINHOS DA PESQUISA .....</b>	<b>14</b>
<b>3</b>	<b>TEMPOS E ESPAÇOS DO BRINCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL .....</b>	<b>16</b>
<b>4</b>	<b>ENTRE BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS.....</b>	<b>233</b>
<b>5</b>	<b>TEMPOS E ESPAÇOS PARA BRINCAR .....</b>	<b>288</b>
<b>6</b>	<b>TEMPO E O ESPAÇO DO BRINCAR QUE NÃO TEM FIM.....</b>	<b>377</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>39</b>

## 1 MINHA HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO

Meu nome é Leda Maria Czyzeswki, tenho 38 anos, e vou descrever um pouco sobre como foi a minha infância e a minha educação até os dias de hoje. Só de começar a lembrar a minha história, me vem aquele nozinho na garganta, e aquelas lágrimas nos olhos, pois é recordar de pessoas que não estão mais entre nossa família.

Nasci no dia 30 de setembro de 1977, sou filha de Sizesmundo Czyzeswki (in memoria) e Victoria Piasiescki Czyzeswki, meus pais eram agricultores e minha mãe além da agricultura e dos afazeres domésticos, trabalhava como costureira para ajudar a complementar a renda da família. Eu tenho uma irmã, chamada Andreia, nós duas trilhamos o caminho da educação juntas desde o início, sendo que, também, fomos colegas de graduação e somos colegas na especialização. Nós tínhamos um irmão, que por motivo de doença acabamos perdendo ainda durante nossa infância.

Eu nasci e moro até hoje em Vila Floresta, interior do município de Ijuí. Tive a grande benção de ter passado a minha infância, no meio rural, com o todo espaço que uma criança deve ter para brincar, sem muros, grades e ruas movimentadas... Durante a minha infância brinquei muito, assim como tive que ajudar meu pai e minha mãe nas atividades de casa, como, por exemplo, ajudar a dar água para os animais, recolher os ovos e ,quando era o período da cultura de soja, ajudar a capinar - não era algo que gostava, mas não se tinha opção, ajudava um pouco, cansava, tomava água, comia umas bolachas ou pão que a mãe levava para lanche e ficava descansando e brincando. Eu lembro que gostava de desenhar com pedacinhos de pau na terra e olhar o céu, as nuvens mudando a todo o momento de imagens, ficava olhando e imaginado aqueles monstros, dragões, castelos e criando um monte de histórias.

O que marcou também o tempo de minha infância foi o período em que eu e minha irmã vivemos com nossos avós, foram às cantigas em polonês que o vovô, a vovó e a tia Paulina cantavam para ninar eu e a minha irmã. Essas cantigas embalaram minha infância, eu sabia até cantar. Hoje quando tento cantar essas palavras em polonês, vem uma saudade muito profunda. Em português, este era o significado aproximado de uma das músicas que a *Babcia i Dziadek* (vovó e vovô)

cantavam: *“Leda, Ledinha, aonde você foi, fui à vovó, fazer o que, buscar leite, por que não trouxe um pouco para mim, pois quando eu ia passando a cerca a gato mourisco bebeu tudo, sai, sai, gatinho”*.

Lembro-me com saudade dos meus tios, principalmente do tio Aloese, irmão da minha mãe, deve ter sido com ele que eu aprendi a gostar de ouvir histórias, e hoje gosto tanto de contar histórias para as minhas crianças. Ele contava histórias e contos da cultura polonesa, dentre as quais, tinha a história do homem que foi morar na lua, história essa que anos depois pude ler em um livro de contos da cultura polonesa. Também recordo das histórias dos Dziadek (vovôs) imigrantes que trouxeram ouro da Polônia, e quando chegaram aqui enterraram esse ouro no pátio.

A parte que mais me fascinava era quando ele contava como aquele ouro poderia ser descoberto, para mim era pura magia, eu ficava fascinada imaginando a cena, tentando viver esse momento. Ele contava que a terra, onde está o ouro, pegaria fogo e que quem avistasse esse fogo e desejasse apagar, só poderia apagar usando um chapéu, mas a cinza que ficasse deveria ser arada por uma galinha com uma colher amarrada a cada pé. Somente assim, quem tivesse coragem encontraria esse ouro. Essa história foi para mim a mais linda. Eu esperava ele vir todo ano de Redentora para me contar a mesma história, mesmo adulta, eu continuo lembrando e vivendo cada palavra dita por ele.

Atualmente, quando visito a propriedade onde meus avós residiam eu me recordo dessa linda história, que um homem sem muito estudo, mas com muitas vivências me contava e me encantava. Essa história não é um clássico da literatura, mas para mim será sempre a mais linda. Nesse ano fazem quatro anos que ele não me conta mais essa história.

Meus pais não tiveram oportunidades de avançar nos estudos, meu pai estudou somente a primeira série, aprendeu a ler, escrever e fazer contas matemáticas, já a minha mãe estudou um pouco mais, foi até o quarto ano e teve que parar, pois não tinha condições de continuar. A minha mãe precisava ajudar a vovó a cuidar da casa e dos seus irmãos, pois ela é a filha mais velha. Mas, meus pais sempre foram muito bons em matemática, até hoje minha mãe com setenta e nove anos faz cálculos mentais.

Comecei minha vida escolar com sete anos, na Escola Estadual de Ensino Fundamental Giovana Margarita, em Vila Floresta. O ano que comecei meus estudos não havia pré-escola, desta forma, iniciei meus estudos na primeira série. A

escola, não era muito longe da casa dos meus pais, então eu ia e voltava todos os dias caminhando a pé.

Quando ingressei na primeira série, eu não sabia nada mesmo, em casa a mãe não tinha tempo e eu não brincava de aulinha com a minha irmã Andreia, bem que ela tentou me ensinar, mas eu não aceitava que ela fosse me ensinar, dizia cheia de birra que ia aprender a escrever na escola. Não foi um primeiro ano fácil, ficar a tarde toda na escola, claro que a professora também fazia brincadeiras, brincávamos no pátio, nas árvores da escola, mas eu queria estar em casa com a minha mãe, e não em uma escola, foi um tempo de adaptação para entender a importância da escola.

Nesta escola estudei da primeira a oitava série e guardo comigo boas recordações. A escola naquele tempo, não tinha portão e cercas altas, não tinha pracinha, mas pulávamos corda, amarelinha, subíamos nas árvores, brincávamos de caçador, ovo choco, cabra-cega, todas as crianças juntas, não só a primeira ou segunda série, eram as crianças maiores brincando com as menores e fim de ano fazíamos guerrinha de água.

O ensino médio tinha que ser na cidade de Ijuí, como era difícil para os meus pais, assim como também para os outros pais, pagarem aluguel na cidade para os filhos estudarem, foi decidido pagar um transporte que nos levassem e trouxessem todas as noites. Assim, fiz meu ensino médio na Escola Estadual 25 de julho, como essa escola é técnica, eu optei por fazer processamento de dados, nem sabia o que era, mas como funcionava de forma concomitante ao ensino médio e técnico optei por esse curso.

Após eu ter terminado o ensino médio, decidi ficar em casa, não sabia o que iria fazer em relação à continuação dos estudos. Estudar na universidade? Que curso? Fiquei pensando, pensando e passaram-se seis anos, até que a minha irmã decidiu fazer faculdade, ela optou por pedagogia, fez o vestibular, passou e começou a estudar, no segundo semestre também resolvi me desacomodar e voltar a estudar. Fiz o vestibular para pedagogia, e assim, fizemos a faculdade juntas.

Não foi fácil depois de anos sem estudar, voltar a ler e, principalmente escrever, e escrever é preciso, como escreveu o saudoso mestre Mario Osorio Marques. As escritas no curso não eram iguais às redações do primeiro e segundo grau. Optei por fazer meus estágios na escola que eu tinha estudado, da primeira à

oitava série, fui bem recebida, pela direção e professores, reencontrei alguns professores do meu tempo e pude matar as saudades da minha infância.

A formatura foi linda, eu e minha irmã Andreia nos formamos juntas foi muito emocionante, graças à Deus nossos pais puderam assistir a esse lindo momento, essa maravilhosa conquista. Assim, sou graduada pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ), Pedagogia com habilitação para pedagogo da sala de aula, magistério da Educação Infantil e das Séries Iniciais, no ano 2007, habilitação em pedagogo da escola: Orientação Educacional e Supervisão Escolar, no ano 2008, pois quando eu fiz a graduação podia optar por qual habilitação desejasse.

Realizei o concurso para o magistério, para o cargo de professora de Educação Infantil de zero a três anos, sendo nomeada no ano 2011, porém, enquanto aguardava a nomeação, realizei outro concurso para professora de Pré-Escola /Educação Infantil, sendo nomeada para esse no ano 2012. Mas, infelizmente, meu pai já não estava mais no meio de nós, para me parabenizar por essa conquista. Porém, como diz o ditado “Deus escreve certo por linhas tortas”, da realização da prova do concurso até a nomeação eu tive todo o tempo de me dedicar a cuidar do meu pai.

Hoje eu tenho duas nomeações na rede, uma na educação infantil, que em outubro completa cinco anos, e outra pré-escola que em agosto faz quatro anos. Estou só no início da minha carreira, e cada dia me sinto mais feliz, com a certeza que escolhi certo a minha profissão.

Neste ano de 2016, estou atuando em turma de berçário em uma escola municipal de Educação Infantil e em turma de pré-escola nível I, em outra escola municipal de Educação Básica que abrange desde o maternal II até o terceiro ano do Ensino Médio e Técnico.

Dessa forma, faço parte da rede municipal de Educação Infantil do município de Ijuí desde 2011, e foi nesses poucos anos de caminhada que fui me inquietando com algumas coisas, entre elas sobre o brincar no espaço e tempo da Educação Infantil. Pude perceber, dentre as escolas em que trabalhei que o espaço e o tempo destinado ao brincar é variado, assim como o entendimento sobre o significado do brincar, ainda que, o município enquanto rede possua uma proposta pedagógica baseada no brincar.

Nem sempre a estrutura interna ou externa contribui para uma organização adequada do brincar no tempo espaço da Educação Infantil. São tantas mesas, cadeiras, armários fechados, prateleiras até o teto, cheio de objetos inacessíveis às pequenas mãos de nossas crianças que ficam com vontade e com curiosidade de descobrir qual o segredo escondido dentro de tantas caixas, armários, lá nas alturas.

As nossas crianças passam tanto tempo dentro desse espaço escolar, que nós enquanto educadoras devemos nos questionar como fazer para que esse tempo em que elas passam na escola lhes proporcionem oportunidades de descobrir e deixar acontecer o brincar de acordo com o tempo e a necessidade das crianças, respeitando o direito fundamental das crianças previsto pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil.

## 2 APRESENTAÇÃO E CAMINHOS DA PESQUISA

O dia a dia das creches e pré-escolas é repleto de atividades organizadas por educadores que, de uma maneira ou de outra, lidam com o espaço e o tempo a todo o momento. Como organizar tempos de brincar, de se alimentar, de repousar de crianças de diferentes idades nos espaços das salas de atividades, do parque, do refeitório, do banheiro e do pátio? É tarefa dos educadores organizar o espaço e o tempo das escolas infantis, sempre levando em conta o objetivo de proporcionar o desenvolvimento integral das crianças.

Muitas crianças só têm em seu dia-a-dia o espaço da escola para brincar, visto que, em muitos casos, em casa encontram um espaço restrito, sem ambiente externo para desenvolverem suas atividades e brincadeiras, ficando assim limitadas dentro de casa à televisão, vídeo games e computadores.

Por isso, é de suma importância organizar o cotidiano das crianças da educação infantil que pressupõe pensar que o estabelecimento de uma sequência básica de atividades diárias é, antes de tudo, o resultado da leitura que fazemos do nosso grupo de crianças a partir, principalmente, de suas necessidades.

Dessa forma se torna importante salientar as palavras de Friedmann (1996, p.43) que assim expressa:

É importante que o educador observe o que as crianças brincam, como essas brincadeiras se desenvolvem, o que mais gostam de fazer, em que espaços preferem ficar, o que lhes chama mais atenção, em que momentos do dia estão mais tranquilos ou mais agitados. Esse conhecimento é fundamental para que a estruturação espaço-temporal tenha significado. Ao lado disto, também é importante considerar o contexto sociocultural no qual se insere e a proposta pedagógica da instituição, que deverão lhe dar suporte.

Nesse sentido, questiono-me: De que forma pode ser organizado o tempo e o espaço na escola para favorecer o brincar e a produção de cultura das crianças? Quais são os elementos e/ou objetos que podem ser oferecidos às crianças para ampliar e estimular o brincar? Como as crianças se organizam para brincar, quais os critérios que elas utilizam para a produção de suas brincadeiras? Como podem ser organizados os diferentes tempos e espaços favorecendo o brincar na Educação Infantil?

Apresento como objetivo geral: problematizar a organização dos tempos e espaços favorecendo o brincar no processo de produção de culturas da infância.

Especificamente, pretendo: a) analisar de que forma os diferentes espaços, e materiais podem estimular o brincar da criança na Educação Infantil; b) compreender como as crianças se organizam para brincar; c) reconhecer as culturas produzidas pelas crianças em suas brincadeiras.

Através de uma abordagem de pesquisa-ação pretendo apresentar uma análise reflexiva da minha prática voltada para problematizar e ampliar as possibilidades de brincar nos diferentes tempos e espaços da Educação Infantil. O trabalho foi realizado em uma turma de Educação Infantil, pré-escola com a participação de crianças entre 4 e 5 anos de idade, da instituição a qual estou atuando como docente.

Pedro Demo (2000) descata a importância de estimular os professores a serem pesquisadores de suas práticas e entende que não se trata de transformar os professores em pesquisadores profissionais. Trata-se de reforçar a competência profissional do professor, habilitando-o a usar a pesquisa como uma forma, entre outras, de lidar com os problemas com que se defronta.

Educar pela pesquisa tem como condição essencial primeira que o profissional da educação seja pesquisador, ou seja, maneje a pesquisa como princípio científico e educativo e a tenha como atitude cotidiana. Não é o caso fazer dele um pesquisador “profissional”, sobretudo na educação básica, já que não a cultiva em si, mas como instrumento principal do processo educativo. Não se busca um “profissional da pesquisa”, mas um profissional da educação pela pesquisa (DEMO, 2000, p. 2).

Inicialmente apresento o referencial teórico discutindo sobre o brincar no tempo e no espaço da Educação Infantil a partir de tais autores Brougère (2010), Horn (2004), Corsaro (2009), Elkonin (2009), Huizinga (1999). Posteriormente, apresento uma análise crítica e reflexiva de minha prática a partir do projeto “Entre Brinquedos e Brincadeiras” desenvolvido com as crianças evidenciando o tempo e o espaço do brincar. Finalizo apontando algumas considerações finais sobre como é importante organizar ambientes que levam as crianças a explorar as diferentes formas do brincar.



### **3 TEMPOS E ESPAÇOS DO BRINCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

A criança situa-se no meio em que vive e forma os alicerces de sua consciência no aqui e agora por meio de seus movimentos e de suas múltiplas percepções sensoriais. É a ação do corpo em interação com o meio que vai lhe dar condições de desenvolver e aprender a lidar com sua capacidade de simbolizar, isto é, de aprender a falar, a imaginar, a desenhar, enfim, aprender a representar o meio em que vive e a manifestar o que pensa, sente ou deseja.

É importante proporcionar à criança movimentar-se livremente, explorar o ambiente e experimentar novas situações, possibilitando o acesso a diversos objetos, sons, texturas, cores, construindo a aprendizagem. Daí a importância das escolas de Educação Infantil criarem um esquema de organização dos tempos e espaços no qual a criança não fique restrita a um ambiente rígido, monótono e de poucas explorações, principalmente, não fique limitada a sua sala, sua mesa, sua cadeira, seu material escolar.

A educação infantil está relacionada à concepção que se tem de criança, de como ela aprende e se desenvolve dentro do contexto atual. Parte-se assim do pressuposto de que a organização do tempo e do espaço, e a produção de culturas através das brincadeiras são indispensáveis para propiciar à criança uma educação integral.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEIs) destacam a necessidade de estruturar e organizar ações educativas com qualidade, articulada com a valorização do papel dos professores que atuam junto às crianças de 0 a 4 anos. Esses são desafiados a construir propostas pedagógicas que, no cotidiano de creches e pré-escolas, ouçam a voz das crianças e acolham a forma delas significarem o mundo e a si mesmas (BRASIL, 2010).

O cotidiano do espaço escolar, contextos de vivência, aprendizagem e desenvolvimento, requer a organização de diversos aspectos: os tempos de realização das atividades (ocasião, frequência, duração), os espaços em que essas atividades transcorrem (o que inclui a estruturação dos espaços internos, externos, de modo a favorecer as interações infantis na exploração que fazem do mundo), os materiais disponíveis e, em especial, as maneiras de o professor exercer seu papel organizando o ambiente, ouvindo as crianças, respondendo-lhes de determinada maneira, oferecendo-lhes materiais, sugestões, apoio emocional, ou promovendo

condições para a ocorrência de valiosas interações e brincadeiras criadas pelas crianças etc (BRASIL, 2010).

Considero a criança como ser ativo, ator social, de forma que, cada uma tem um modo próprio de ser, de pensar, de sentir e de estar no mundo. A escola de educação infantil é um espaço rico para compartilhar esses modos de ser e estar no mundo de cada criança. É socializando-se com os outros que as crianças vão descobrindo as próprias especificidades, como também as especificidades dos que com ela convivem. Assim, a construção da visão de mundo efetuada pela criança é feita com o auxílio dos elementos produzidos por sua contínua relação social com os pares e com os adultos, em contextos sociais que vão se interpondo.

Por esse motivo, destaca-se a importância da brincadeira na educação infantil, pois, os processos psicológicos predominantes nesta faixa etária e a inserção social e cultural da criança referendam o brincar como meio de criação de situações imaginárias (VIGOTSKI, 1988).

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI, BRASIL, 2010), para efetivação de seus objetivos, as propostas pedagógicas das instituições de Educação Infantil deverão prever condições para o trabalho coletivo e para a organização de materiais, espaços e tempos que assegurem:

A educação em sua integralidade, entendendo o cuidado como algo indissociável ao processo educativo; A indivisibilidade das dimensões expressivo motora, afetiva, cognitiva, linguística, ética, estética e sociocultural da criança; A participação, o diálogo e a escuta cotidiana das famílias, o respeito e a valorização de suas formas de organização; O estabelecimento de uma relação efetiva com a comunidade local e de mecanismos que garantam a gestão democrática e a consideração dos saberes da comunidade; O reconhecimento das especificidades etárias, das singularidades individuais e coletivas das crianças, promovendo interações entre crianças de mesma idade e crianças de diferentes idades; Os deslocamentos e os movimentos amplos das crianças nos espaços internos e externos às salas de referência das turmas e à instituição; A acessibilidade de espaços, materiais, objetos, brinquedos e instruções para as crianças com deficiência, transtornos globais de desenvolvimento e altas habilidades/ superdotação; A apropriação pelas crianças das contribuições histórico-culturais dos povos indígenas, afrodescendentes, asiáticos, europeus e de outros países da América (BRASIL, 2010, 18 e 19).

No Parecer CNE/CEB n. 20/2009, o relator faz uma revisão das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil e assim se refere ao papel do professor na organização do tempo e espaço nas creches e pré-escolas:

A professora e o professor necessitam articular condições de organização dos espaços, tempos, materiais e das interações nas atividades para que as crianças possam expressar sua imaginação nos gestos, no corpo, na oralidade e/ou na língua de sinais, no faz de conta, no desenho e em suas primeiras tentativas de escrita. A criança deve ter possibilidade de fazer deslocamentos e movimentos amplos nos espaços internos e externos às salas de referência das classes e à instituição, envolver-se em explorações e brincadeiras com objetos e materiais diversificados que contemplem as particularidades das diferentes idades, as condições específicas das crianças com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação, e as diversidades sociais, culturais, étnico-raciais e linguísticas das crianças, famílias e comunidade regional (BRASIL, 2009, p. 14).

O papel do professor de Educação Infantil é fundamental na organização dos tempos e espaços da Educação Infantil, pois ele é o mediador entre a criança e o conhecimento.

Assim sendo, é extremamente necessário que esse profissional esteja em uma constante busca por aprender sobre o desenvolvimento de crianças e a forma como elas veem e sentem o mundo, criando oportunidades para elas manifestarem seus pensamentos, linguagem, criatividade, reações, imaginação, ideias e relações sociais:

O/a professor/a, junto com as crianças, prepara o ambiente da Educação Infantil, organiza-o a partir do que sabe que é bom e importante para o desenvolvimento de todos e incorpora os valores culturais das famílias em suas propostas pedagógicas, fazendo-o de modo que as crianças possam ressignificá-lo e transformá-lo. A criança pode e deve propor recriar e explorar o ambiente, modificando o que foi planejado (BRASIL, 2006 a, p. 7).

Para entender qual é o papel do espaço no contexto da educação infantil é muito importante definir como ele deve, assim entende-se que ele não pode ser remetido apenas às estruturas materiais como a parede ou uma estrutura de concreto ou aço, mas sim a um lugar que se pode e deve ser explorado, através de diferentes maneiras, por isso este espaço não pode ser neutro, deve ser dinâmico, criativo, colorido, repleto de formas a fim de cumprir com sua função principal que é educar.

Portanto, o espaço como se apresenta é elemento primordial na aprendizagem das crianças e sua contribuição positiva para seus movimentos em sala de aula, daí de sua importância em ser organizado de forma acolhedora e versátil, onde a criança se sinta convidada a explorar, a descobrir e a aprender.

Tendo em vista que o espaço é importante, então a maneira como esse espaço está organizado deve ser refletido e levado em consideração para que

possa, realmente, servir de estímulo construtivo para as explorações, experiências e aprendizagens da criança. Sobre esse aspecto Faria (2005, p. 91) descreve que os espaços são utilizados consoantes às práticas pedagógicas. Nesse sentido, pode-se dizer que qualquer espaço pode se tornar um ambiente propício para aprendizagem, desde que esteja adequado à proposta e à prática pedagógica.

Horn (2006, p.35) reforça a ideia do ambiente organizado por cantos e aborda também a questão estética e harmonia deste espaço. Considerando todos esses pontos, entender que um espaço, para ser realmente positivo na relação pedagógica escolar, precisa antes de qualquer coisa, “conversar” com seus integrantes.

Seguindo este raciocínio, Horn (2006, p.35) conceitua o espaço da seguinte perspectiva: “O espaço é entendido sob uma perspectiva definida em diferentes dimensões: a física, a funcional, a temporal e a relacional, legitimando-se como um elemento curricular”.

Fazendo uma análise de Ceppi e Zini (2013, p. 26) “O espaço também tem que ser personalizável, flexível e aberto a novas marcas pessoais”. Sendo assim, a organização do espaço pode ser todos os dias personalizada conforme o que o professor possa proporcionar e as crianças estejam dispostas a explorar neste ambiente.

Assim, considera-se de grande valor pensar o quanto um simples espaço pode influenciar no processo de escolarização. Dessa forma, destaca-se também, a importância de um olhar sensível para com as crianças nele inseridas, pois, um espaço por si só, sem nenhum atrativo, não é um espaço que contribui ou que proporcione outras experiências.

Mas, à medida que algo é produzido dentro desse espaço, a identidade, as percepções e até mesmo com a cultura de quem o faz ficam ali inseridos, esse local passa a ser parte integrante do indivíduo e responsável pelas suas aprendizagens. Quando se fala em aprendizagens, se quer definir não somente a escola, mas todas as aprendizagens de vida proporcionadas a partir das relações coletivas.

Um espaço então configura em um ambiente no momento em que ele passa a ser significativo para aqueles que fazem seu uso, um mecanismo de contribuição no processo de criação ou de aprendizagem.

Zabalza (1998, p.138) analisa o desenvolvimento do conceito de espaço a partir de três dimensões. A primeira vincula-se aos aspectos acolhedor, belo, proporcional; a segunda, aos funcionais, adequados, com recursos disponíveis,

exercendo sua finalidade educativa; e a terceira, por fim, aos ambientais, o frio, o calor, a luminosidade, a segurança. Essas três dimensões estão implicadas, segundo os autores, no trabalho pedagógico dos professores e na aprendizagem e no desenvolvimento das crianças na educação infantil. Em outras palavras, o espaço é pedagógico e o tempo é múltiplo – biológico, institucional, coletivo, simbólico.

Horn (2004, p. 85) estabelece, conceitualmente, uma distinção importante entre espaço e ambiente. Refere-se aos espaços como “[...] locais para a atividade caracterizada pelos objetos, pelos materiais didáticos, pelo mobiliário e pela decoração”. Os espaços, com seus qualificativos físicos, constituem locais de aprendizagem e desenvolvimento. O ambiente, por sua vez, corresponde ao conjunto do espaço físico e das relações que nele se estabelecem (Horn, 2004, p. 85). O termo ambiente, procedente do latim, significa “ao que cerca ou envolve”; dito de outra forma poderia ser assim definido:

Como um todo indissociável de objetos, odores, formas, cores, sons e pessoas que habitam e se relacionam dentro de uma estrutura física determinada que contenha tudo e que, ao mesmo tempo, é contida por todos esses elementos que pulsam dentro dele como se tivessem vida. [...] o ambiente “fala”, transmite sensações, evoca recordações, passa-nos segurança ou inquietação, mas nunca nos deixa indiferentes (HORN, 2004, p. 85).

A organização de espaços para Batista (2000, p.46) define-se que a educação infantil tem características muito particulares no que se refere à organização dos espaços. A autora sinaliza que a infância precisa de espaços amplos, bem diferenciados, de fácil acesso e especializados, em que as crianças possam movimentar-se, interagir, viver e conviver, desenvolvendo-se integralmente. Salaria a necessidade dos espaços oferecerem oportunidades diversas de interação e de aprendizagem, sejam elas coletivas, envolvendo grupos de crianças e adultos, ou mesmo individualizadas, nas quais os objetos dispostos sejam o foco da atenção.

Para Faria (2005, p. 79) “a organização dos espaços na escola influencia para o bem estar das crianças e profissionais, um espaço pensado para todos que ali convivem, pois, para a criança sentir-se bem nesse local, é preciso que todos se sintam a vontade para realizar suas atividades”. Portanto, faz-se necessário pensar nas necessidades da criança em brincar, descansar, alimentar, aprender e outras mais, organizando na escola espaços onde isso aconteça.

Assim, para dispor às atividades no tempo destinado a rotina das crianças, é preciso levar em consideração as necessidades biológicas (cuidados), psicológicas (aprendizagem) e de prazer, onde aconteçam atividades permanentes para que as crianças possam obter uma segurança nos fatos que se sucederão. Assim, o planejamento das atividades deve ser flexível de acordo com o ritmo e os interesses das crianças.

Toda a ação significativa realizada pelas crianças constitui uma atividade, nesse sentido a brincadeira deve ser considerada como uma atividade importante no contexto da educação infantil. Brincar é muito importante porque é uma forma de comunicação e é por meio deste ato que a criança pode representar e recriar o seu cotidiano. O brincar possibilita o processo de desenvolvimento da criança, pois facilita a construção da reflexão, da autonomia e da criatividade, estabelecendo, desta forma, uma relação estreita com aprendizagem.

Percebemos que brincando a criança se desenvolve de forma integral. Para isso, então se faz necessário conscientizar os pais, educadores e sociedade em geral sobre a ludicidade que deve estar sendo vivenciada na infância, ou seja, de que o brincar faz parte de uma infância prazerosa não sendo somente lazer, mas sim, um ato de construção do pensamento, recriação da realização, construção de linguagens, portanto, constitui aprendizagens.

O brincar na educação infantil proporciona à criança o estabelecimento de regras, que são organizadas por si e em grupo, contribuindo na integração do indivíduo na sociedade. E assim, a criança estará resolvendo conflitos e hipóteses de conhecimento e, ao mesmo tempo, desenvolvendo a capacidade de compreender pontos de vista diferentes, de fazer-se entender e de demonstrar sua opinião em relação aos outros. É importante perceber e incentivar a capacidade criadora das crianças, pois esta se constitui numa das formas de relacionamento e recriação do mundo, na perspectiva da lógica infantil.

Entende-se por brincar a ação intencional, motivada, que surge, quando a criança, por influência do ambiente físico, social e cultural, expressa suas necessidades buscando concretizar suas intenções. “Ao educador cabe a organização do espaço físico, social e cultural, de modo a permitir a criança recriar situações imaginárias que contribuam para seu desenvolvimento” (KISHIMOTO, 1994, p. 121).

Um ambiente rico de interações favorece o desenvolvimento infantil. Ao permitir a ação independente com parceiros, o brincar fundamenta o desenvolvimento das relações humanas. O brincar não é isolado ou individual, mas é aprendido durante o processo de comunicação entre os seres humanos (BROUGÈRE, 2010, p.98).

O brincar deve ocorrer em meio rico para ampliar a experiência infantil. Os contos, festas populares, brincadeiras folclóricas, objetos, personagens reais e imaginários, histórias, livros infantis e interações do cotidiano, são elementos culturais e sociais que constituem o imaginário infantil (BROUGÈRE, 2010, p. 98). Pois enclausurar a criança nos muros da instituição, na sala ou no berço, dirigindo sua ação sob o pretexto de protegê-la, é negar-lhe o desenvolvimento da autonomia e da cidadania.

As possibilidades de brincar da criança não podem ser reduzidas pelo modelo escolar de organização das rotinas, com horários rígidos de atividades restritas à coordenação do professor, mas abrir-se para a exploração da criança. É importante o suporte material e humano: professor interativo, sempre pronto a auxiliar as crianças a resolver seus problemas e adquirir conhecimentos em oficinas opcionais com pequenos grupos. A criança deve ter bastante tempo para satisfazer a curiosidade e expressar-se, tomar iniciativa, criar brincadeira e tornar-se independente, curiosa e expressiva.

As aprendizagens que acontecem dentro dos espaços disponíveis e ou acessíveis à criança são fundamentais na construção da autonomia, tendo a criança como umas das construtoras de seu conhecimento. Compreendo, portanto, que o espaço é muito importante para a criança pequena, pois muitas, das aprendizagens que ela realizará em seus primeiros anos de vida estão ligadas a esses espaços disponíveis a ela.

Assim, podemos dizer que esta organização do tempo e do espaço que se repete diariamente, o que chamamos de rotina, deve ser construída a partir deste conjunto de atividades que potencializem: a iniciativa, a exploração, a descoberta, a segurança, a confiança, o compartilhar, dentre outros.

#### 4 ENTRE BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS

O ser humano nasce e cresce com a necessidade de brincar, pois o brincar é uma das atividades mais importantes na vida dos indivíduos. A tese central da obra *Homo Ludens* (HUIZINGA, 1999, p.36) é a de que o jogo é uma realidade que corresponde a uma das noções mais primitivas e profundamente enraizadas em toda a realidade humana. Então, por meio do jogo nasce a cultura, sob a forma de ritual e de sagrado, de linguagem e de poesia, permanecendo subjacente em todas as artes de expressão e competição, inclusive nas artes do pensamento e do discurso, bem como na do tribunal judicial, na acusação e na defesa polêmica, portanto, também na do combate e na da guerra em geral.

Por meio do jogo, a criança tanto desenvolve suas potencialidades, como também trabalha com suas limitações, com as habilidades sociais, afetivas, cognitivas e físicas. O brincar é uma forma de expressão e comunicação consigo, com o outro e com o meio. A brincadeira é considerada uma atividade universal que assume características peculiares no contexto social, histórico e cultural.

A brincadeira de faz-de-conta estimula a capacidade da criança em respeitar regras que valerá não só para a brincadeira, mas também para a vida. Ela também ativa a criatividade, pois através da escolha dos papéis terá que reproduzir e criar a representação na brincadeira. Para Corsaro (2009, p. 31) “As crianças criam e participam de suas culturas de pares singulares por meio da apropriação de informações do mundo adulto de forma a atender aos seus interesses próprios enquanto criança”.

O jogo de papéis é uma atividade muito importante, pois possibilita grande desenvolvimento da criança. A criança passa a realizar certas ações com a ajuda dos adultos, ou mesmo, ações que a criança observa serem realizadas ao seu entorno, por isso, a importância das relações do adulto com a criança. A criança passa a recriar o que os adultos fazem e a usar os objetos que eles utilizam, ou seja, apropriações criativas.

Todos nós conhecemos o grande papel dos jogos para a criança, pois ela desempenha a imitação. Com muita frequência, estes jogos são apenas um eco do que as crianças viram e escutam dos adultos, isso não obstante a estes elementos da sua experiência anterior nunca se reproduzirem no jogo de forma absolutamente igual e como acontecem na realidade. O jogo da criança não é uma recordação simples do vivido, mas sim a transformação criadora das impressões para a formação de uma nova realidade que responda às exigências e inclinações da própria criança (VYGOTSKY, 2009, p.12).



Na perspectiva de Elkonin (2009, p.36), a atividade lúdica não é algo natural da criança, que já nasce com ela, mas sim socialmente construída. Ao brincar a criança conhece e relaciona-se com a sociedade em que vive. Por meio da brincadeira ela conhece o objeto, manipula-o, até que aprende a utilizá-lo na brincadeira. Segundo Elkonin (2009, p.36) “as teorias biológicas do jogo, que partem dos instintos e impulsos primários da criança, não podem explicar de maneira satisfatória seu conteúdo social”.

Como se pode perceber, os brinquedos e as brincadeiras são fontes inesgotáveis de interação lúdica e afetiva.

Um pedaço de madeira com barbantes, uma casca de noz, uma coisa sem nenhum valor, como pedrinhas, folhas de árvores e o conteúdo de uma cesta de papéis adquirem grande significado em virtude da viva fantasia infantil, que transforma os pedaços de papel em xícaras, barcos, animais e pessoas (ELKONIN, 2009, p.25).

Compreendo assim que, as crianças estão constantemente brincando, não é só em determinado momento do dia. O brincar é para além de uma ação que ocorre num tempo específico. É o modo de ser, de estar das crianças no mundo. De acordo com Elkonin (2009, p.25)

[...] é claro que toda atividade, e o jogo não é exceção, pode decompor-se numa soma de faculdades: percepção, mais memória, somando com o pensamento e ainda a imaginação; talvez seja possível, inclusive, determinar com certo grau de precisão o peso de cada um desses processos nas diversas etapas de desenvolvimento de um ou outro jogo.

Portanto, as crianças brincam desde bebês, pois o brincar é a forma de se relacionar com o mundo e com seu próprio corpo. O brincar na infância constitui-se para além do jogo com regras ou brincar dirigido, de forma que, os objetos transformados em brinquedos pelas ações das crianças, constituem-se ferramentas importantes para potencializar o brincar.

De acordo com Kishimoto (1994, p. 74), o brinquedo é representado como um "objeto suporte da brincadeira". Na brincadeira a criança representa, cria, usa o faz de conta para entender a realidade que a cerca e vive o momento, a brincadeira é uma atividade espontânea da criança e que ela aprende enquanto brinca.

Brincar é uma atividade que faz parte do cotidiano da criança, essa ideia poderá ser ampliada com a concepção apresentada por Maluf (2003, p.17), pois ela entende que:

Brincar é: comunicação e expressão, associando pensamento e ação; um ato instintivo voluntário; uma atividade exploratória; ajuda às crianças no seu desenvolvimento físico, mental, emocional e social; um meio de aprender a viver e não um mero passatempo (MALUF, 2003, p. 17).

Crianças são sujeitos sociais e históricos, marcados pelas contradições das sociedades em que estão inseridas. Elas produzem cultura e são produzidas na cultura em que se inserem (em seu espaço) e que lhes é contemporânea (de seu tempo). Por isso, não formam uma comunidade isolada, mas, fazem parte de um grupo e suas brincadeiras expressam esse pertencimento (FREIRE, 1986, p. 67).

E por situar-se nesse contexto histórico e social, as crianças acabam por incorporar a experiência social e cultural do brincar por meio das relações que estabelecem com os outros – adultos e crianças. Para Freire (1986, p.67):

[...] a brincadeira é um fenômeno da cultura, uma vez que se configura como um conjunto de práticas, conhecimentos e artefatos construídos e acumulados pelos sujeitos nos contextos históricos e sociais em que se inserem. Representa, dessa forma, um acervo comum sobre o qual os sujeitos desenvolvem atividades conjuntas. Por outro lado, o brincar é um dos pilares da constituição de culturas da infância, compreendidas como significações e formas de ação social específica que estruturam as relações das crianças entre si, bem como os modos pelos quais interpretam, representam e agem sobre o mundo.

Nas palavras de Freire, (1986, p.74) o “Brincar é uma experiência de cultura importante não apenas nos primeiros anos da infância, mas durante todo o percurso de vida de qualquer ser humano. As crianças brincam porque isso é o que as caracteriza”. Para ilustrar essa afirmação, devemos atentar que, mesmo antes do brincar com os objetos, vem o brincar consigo mesmo e com as pessoas. “O brincar com o corpo é uma descoberta, as primeiras brincadeiras do bebê estão relacionadas à descoberta do eu corporal: lidar com o seu corpo é uma grande e importante brincadeira das crianças” (FREIRE, 1986, p. 74).

O brincar alimenta-se das referências e do acervo cultural a que as crianças têm acesso, bem como das experiências que elas têm (FREIRE, 1986, p. 76). A autora afirma ainda que:

Brincar é nossa primeira forma de cultura. A cultura é algo que pertence a todos e que nos faz participar de ideais e objetivos comuns. A cultura é o jeito de as pessoas conviverem se expressarem, é o modo como as crianças brincam, como os adultos vivem, trabalham, fazem arte. Mesmo sem estar brincando com o que denominamos “brinquedo”, a criança brinca com a cultura (FREIRE, 1986, p.76).

Ela acrescenta ainda que Freire (1986, p.74) “no brincar, a criança lida com sua realidade interior e sua tradução livre da realidade exterior: é também o que o adulto faz quando está filosofando, escrevendo e lendo poesias, exercendo sua religião”

Por meio das brincadeiras, a criança fantasia, recria a realidade e constroi experiências significativas. O crescimento infantil é acompanhado pelas brincadeiras, pelos jogos simbólicos que ela mesma inventa para construir conceitos e entender o mundo ao seu redor. Para Corsaro (2009, p.31 e 32) “a produção da cultura em pares pelas crianças não é uma questão de simples imitação. As crianças apreendem criativamente informações do mundo adulto para reproduzir suas culturas próprias e singulares.”

Em suas reflexões genuinamente filosóficas (ainda que não goste de ser visto como filósofo), o educador Rubem Alves costuma dizer que o ser humano carrega duas caixas: uma de ferramentas e outra de brinquedos. Com a primeira ele aprende e ensina tudo aquilo que é útil à sobrevivência e perpetuação da humanidade. Com a segunda, descobre que existir é muito mais do que sobreviver. Sobre tais definições Rubem Alves escreveu:

O corpo carrega duas caixas. Na mão direita, mão da destreza e do trabalho, ele leva uma caixa de ferramentas. Na mão esquerda, mão do coração, ele leva uma caixa de brinquedos (...). As coisas da caixa de ferramentas, do poder, são meios de vida, necessários para a sobrevivência. Elas só servem como chaves para abrir a caixa dos brinquedos (ALVES, 2011).

O seu objetivo, com tais metáforas, é chamar a atenção dos educadores (mais precisamente, pais e professores) sobre o que dispõem a ensinar às novas gerações. Assegura que tudo aquilo que é aprendido com leveza e prazer fica para sempre. Ao contrário, o que é aprendido apenas por ser útil ou necessário dura apenas o tempo da utilidade ou da necessidade.

Defende o direito das crianças a viverem uma infância repleta de brincadeiras e descobertas e que a ordem do fruir prevalece à ordem do uti, a qual representa, muitas vezes, as frequentes atividades impostas e exigidas sem significado para as crianças na escola.

Brincar é preciso, é por meio dele que as crianças descobrem o mundo, se comunicam e se inserem em um contexto social. A brincadeira, segundo Brougère (2010, p.99) supõe contexto social e cultural, sendo um processo de relações

interindividuais, de cultura. Mediante o ato de brincar, a criança explora o mundo e suas possibilidades, e se insere nele, de maneira espontânea e divertida, desenvolvendo integralmente.

Se o brincar é social, a criança não brinca sozinha, ela tem um brinquedo, um ambiente, uma história, um colega, um professor que media essa relação e que faz do brincar algo criativo e estimulante, ou seja, a forma como o brincar é mediado pelo contexto da escola é importante para que seja envolvente e realmente ofereça a oportunidade de diferentes aprendizagens para a criança.

Entendendo isso, as instituições de educação infantil que respeitam os direitos fundamentais e as necessidades das crianças não podem deixar de incluir o brincar em seu currículo, com planejamento, materiais adequados, espaço próprio e incentivo por parte da direção e da professora. É preciso discutir sobre como o brincar vem sendo tratado no interior das escolas de educação infantil, o incentivo, os espaços e as mediações que tem acontecido nessas instituições e a importância desses aspectos para a aprendizagem e desenvolvimento da criança.

Assim, a concepção da criança como um ser peculiar, com características bem diferentes das dos adultos, e contemporaneamente como sujeito de direitos enquanto cidadão, é que vai gerar as maiores mudanças na Educação Infantil, tornando o atendimento às crianças ainda mais específico, exigindo do educador uma postura consciente de como deve ser realizado o trabalho com as crianças pequenas, quais as suas necessidades enquanto criança que vivencia a cidadania.

## 5 TEMPOS E ESPAÇOS PARA BRINCAR

O universo das crianças é um espaço que deve ser muito respeitado, assim quando se fala em aprendizagem deve-se, olhar, observar, escutar com consideração as culturas e linguagens produzidas pelas crianças. Nós professores devemos assim aprender a ter a humildade e delicadeza ao adentrarmos no espaço infantil, buscando compreender os significados atribuídos pelas crianças.

O educador precisa perceber a importância de organizar tempos e espaços que proporcionam autonomia e liberdade para que elas possam se expressar escolher seus movimentos e para que criem e recriem a partir dos espaços e materiais propostos. Para Horn (2004, p. 19), “é fundamental a criança ter um espaço povoado de objetos com os quais possa criar, imaginar, construir e, em especial, um espaço para brincar...”

As crianças precisam ser ouvidas e isso significa dar a elas a oportunidade de se expressarem, de forma espontânea através de linguagem verbal e, também, não verbal onde transmitirão seus sentimentos, o que veem, percebem, bem como, as emoções e os pensamentos que se originam dessas situações apresentadas.

Oportunizei através da intervenção a disposição de materiais que possibilitaram às crianças diferentes formas de brincadeiras, com o espaço sendo modificado constantemente para que elas interagissem com as atividades propostas.

Apresento como objetivo geral: problematizar a organização dos tempos e espaços favorecendo o brincar no processo de produção de culturas da infância. Especificamente, pretendo: a) analisar de que forma os diferentes espaços, e materiais podem estimular o brincar da criança na Educação Infantil; b) compreender como as crianças se organizam para brincar; c) reconhecer as culturas produzidas pelas crianças em suas brincadeiras.

Percebe-se que a sociedade atual está presa a um tempo cronometrado a todo instante, tempo que está se perdendo facilmente e na escola isso não é diferente, há o tempo de brincar, de guardar, de comer, de realizar todas as propostas exigidas, etc. Existem tantas obrigações a cumprir que o tempo torna-se algo incontrolável, passível de nos perdermos em atividades rotineiras e não termos mais como recuperá-lo.

O uso do tempo sempre foi uma preocupação presente no contexto da educação, mas um tempo que controla, que delimita os movimentos, que define a

hora da criança comer, brincar, enfim, um tempo contido dentro de um espaço que restringe, muitas vezes limita, ou simplesmente não permite os movimentos que são tão imprescindíveis para o ser e o estar da criança no presente.

Pensando assim, organizei uma proposta de intervenção, a fim de estabelecer um diálogo a respeito dessas práticas, olhando mais de perto as crianças, conversando com elas, ouvindo as suas histórias.

Então, durante a realização desse trabalho procurei observar, olhar atentamente junto às crianças sobre qual o significado do brincar na escola. Busquei conversar, com eles para ver se descobria necessidades, se percebia qual brincadeira ou espaços que não estavam sendo contemplados, tentando com esse diálogo sempre conhecer melhor a realidade, os desejos, os medos e preocupações de cada uma das crianças.

Durante uma conversa com as crianças, perguntei do que elas mais gostavam de brincar, as respostas foram diversificadas, umas um pouco mais completas, outras mais simples e diretas:

- *“Super girl e boneca” (Isadora, 4 anos).*
- *“De voar e de usar a fantasia de homem aranha” (Gustavo, 4 anos).*
- *“De fantasia do Hulk” (Eduardo, 4 anos).*
- *“Herói homem de ferro, Batman preto” (Murilo, 5 anos).*
- *“Gosto de brincar do Hulk” (Pedro H., 5 anos).*
- *“Eu gosto de brincar com o Capitão América” (Kauã, 4 anos).*
- *“Batman” (Marco, 5 anos).*

Destaco que, na ocasião desta conversa estávamos realizando um projeto sobre super-heróis. Percebendo que esta temática estava sendo significativa e alimentando o imaginário infantil, pensei em estratégias para dar continuidade ao projeto. Nesse sentido, foi proposto às crianças que pedissem aos pais para ajudá-los a confeccionar seu super-herói favorito em casa. A maioria participou da proposta e brinquedos muito interessantes e criativos foram criados na integração entre pais e filhos que vieram para a escola.

Foram construídos personagens como o Homem Aranha, a Mulher Maravilha e Capitão América, utilizando materiais alternativos, e o personagem do Batman entalhado em madeira. Um trabalho elaborado com dedicação pelas famílias das crianças. Percebe-se que as famílias envolvem-se fazendo parte do trabalho

planejado pela professora em sala de aula, e assim, incentivam, valorizam e participam junto com os filhos enriquecendo a proposta pedagógica da professora.

Percebi que as crianças estavam felizes por poderem mostrar o seu super-herói favorito aos amigos da escola. E maravilhados pelas famílias terem elaborados personagens ricos em detalhes que proporcionassem a criatividade e a imaginação, além da criação, o incentivo a produzir uma história referente ao que a criança tem em comum com o personagem. Entende-se que quando eles brincam com os super-heróis preferidos, entram naquele mundo do herói, da fantasia, interagindo com ele, como se fossem os próprios personagens, a imaginação fala mais alto. Este brincar de faz-de-conta proporciona às crianças a produzirem uma relação entre a fantasia e o mundo real. Acredito assim que a criança neste brincar elabora sua emoção e seu sentimento.

Para as crianças brincar com seus super-heróis, criamos suas fantasias exclusivas, máscaras e capas personalizadas, utilizando material como tecidos, tintas e brilhos. Este espaço foi proporcionado para que as crianças explorassem sua criatividade. Isso gera liberdade de escolhas para elas, das cores, do modo de desenhar e pintar, que é livre e de acordo com que sabem fazer, sem interferência, aproveitando assim o seu potencial criativo.



1. Eduardo e Gustavo construindo uma capa.



2. Jordana com sua capa de super-heroína

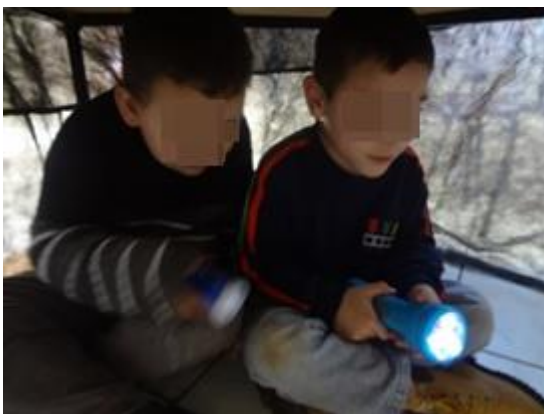


3. Gustavo e Marco com suas capas

Nesse sentido, para estimular a exploração de outras possibilidades para o brincar, organizei um espaço em sala de aula para as crianças enriquecerem os seus enredos para as brincadeiras. Foram produzidas tocas/cavernas/barracas, feitas com tecido apoiadas nas mesas da sala. Destaca-se a construção de sentidos através da organização destes espaços, evidenciada por João Vitor em sua fala:

*- “Um dia eu acampeei com o meu pai, ele fez barraca, tinha colchão, lanterna, brinquedos, foi legal. Eu ajudei ele. Quero ir de novo acampar” (João Vitor, 4 anos).*

Para estimular as experiências sensoriais junto ao faz-de-conta disponibilizei a eles, lanternas. Observei que a lanterna foi um objeto de exploração apreciado durante a brincadeira porque foi usada para explorar o ambiente através da mudança de luminosidade.



4. Pedro e Murilo brincando na barraca com a lanterna.



5. Crianças explorando o corredor.





6. Crianças na barraca com a lanterna.



7. Crianças explorando a lanterna e fantasias

Neste espaço, as crianças se divertiram em grupos, dentro das barracas, com a lanterna visualizando o teto, as próprias mãos, reforçando os laços de amizade, e se reportando a vivências que aconteceram em família

A luminosidade e a sombra foi um elemento que interferiu no brincar, a claridade proporcionada pelo foco para baixo, para cima, para o lado, no próprio corpo das crianças, e o efeito da sombra despertou a curiosidade e as novas descobertas. A luz das lanternas criou um ambiente diferente que instigou a pesquisa sobre os efeitos da lanterna, ou seja, da luz sobre os objetos. Uma criança descobriu um feixe de luz que ultrapassou a cortina da sala, esta criança fez a associação entre a produção de luz do sol com a da lanterna, o que pode-se observar na fotografia 8. Para Ceppi e Zini (2013, p. 54) “a iluminação natural torna-se um material vivo que pode ser manipulado e usado pelas crianças na produção de suas próprias configurações estéticas”.

Outra estratégia adotada para possibilitar experiências do brincar, foi disponibilizar para as crianças fantoches, máscaras que foram dispostas livremente na sala, para que pudessem escolher aquela com a qual se identificassem. Alguns criaram enredos como se estivessem fazendo uma incenação, outros interagem em grupos fazendo sua história com os amigos. Ficaram livres para desenvolver sua criatividade.



8. Sophia e Francine explorando a luz natural. 9. Crianças brincando co fantoches.

Para incrementar o brincar proporcionei às crianças roupas para explorarem o seu faz de conta, elas se fantasiavam colocando roupas, óculos, bolsas e sapatos de adultos. Os objetos ganhavam significados variados, as crianças utilizavam da livre exploração dos objetos no espaço das brincadeiras por iniciativa própria, onde muitas vezes, um rolo de papel virava uma luneta, uma caixa de papelão se transformava em uma casa, etc. Para Horn (2004 p. 87) “a criança usa um pedaço de madeira como se fosse um avião, ela se relaciona com a ideia de avião, e não propriamente como um pedaço de madeira que tem nas mãos”.

Para ampliar as explorações das brincadeiras, na parede da sala foi colocado um rolo de papel no qual as crianças exploravam da sua maneira as possibilidades de registro gráfico, desenhavam, algumas escreviam letras aleatórias e seus nomes também, mostrando ali as suas construções, seus desejos, seus pensamentos.

Observo que, para as crianças, desenhar e realizar registros gráficos também está vinculado ao brincar, fato que pude confirmar pela fala da Maria, quando questionada sobre o que gostava de brincar:

- *“Pintar, eu gosto de pintar” (Maria, de 5 anos).*



9. Crianças brincando com fantasias.



10. Crianças explorando/desenhando no papel.

Com a intenção de proporcionar mais elementos para o brincar, coloquei na sala de aula caixas com materiais diversos que foram utilizados de diferentes maneiras. Esse recurso foi usado de várias formas pelas crianças, alguns vestiam as roupas e encenavam vivências. Exploravam as caixas como esconderijo, casas, ajudavam o colega a entrar, tentavam fechar, entravam em duplas, às vezes. Em determinadas situações, nesta brincadeira, havia contrariedades entre as crianças, ficando, por vezes, um pouco chateados porque o jeito de brincar de um não combinava com o do outro. Mas a brincadeira é tão importante para o desenvolvimento humano que, até quando ocorrem desentendimentos, ela contribui para o crescimento e aprendizagem.



12. Crianças com fantasias



11. Crianças brincando com caixas.

Nesse contexto, compreendi que é importante oferecer as crianças um ambiente favorável que proporcione tempo, espaço e objetos para que as crianças brinquem interativamente e desenvolvam sua integração. Para Horn (2004, p. 19) “é

fundamental a criança ter um espaço povoado de objetos com os quais possa criar, imaginar, construir e, em especial, um espaço para brincar, o qual certamente não será o mesmo para as crianças maiores e menores”.

O papel do professor é imprescindível na mediação e ampliação dos tempos e dos espaços do brincar. O professor precisa aproveitar a disposição das crianças para aprender, tanto seu apetite por novas experiências quanto seu interesse para brincar. Ele precisa compreender o valor de brincar e colocá-lo em prática com as crianças, oferecendo-lhes ambientes ricos que promovam todos os tipos de brincadeiras, espontâneas, estruturadas, imaginativas e criativas e que lhes permitam realizar seu potencial de desenvolvimento, de educação e de bem-estar.

Quando foram indagadas sobre quais as brincadeiras que mais gostavam, as crianças responderam de maneiras diversas:

- *“Também gosto de trenzinho, animais, motos, avião” (Maria, 5 anos).*
- *“Eu gosto de animais, de brincar de casinha boneca e tinta” (Isadora, 4 anos).*
- *“Casinha e boneca” (Sophia, 4 anos).*
- *“Sair e ir lá na pracinha” (Izabelle, 4 anos).*
- *“De maquiar e ir na pracinha” (Francine, 5 anos).*
- *“Jogar bola” (Eduardo, 4 anos).*
- *“Subir na árvore e de Pega-pega” (Gustavo, 4 anos).*
- *“Jogar bola” (João Alberto, 5 anos).*
- *“Jogar bola ser jogador tenho meia, bermuda, camiseta e ainda de Esconde-esconde” (Gustavo, 4 anos).*



12. Somos amigas.



13. Amigos brincando na pracinha.

- *“Eu gosto de fazer amigos” (Maria, 5 anos).*

- *“Brincar na pracinha” (Miguel L., 4 anos).*

Assim, percebem-se com essas diferentes respostas que cada criança tem sua preferência na hora de brincar, o que varia de acordo com sua realidade, suas possibilidades e imaginação. Desse modo, constatei que as crianças não brincam da mesma maneira, muitas demoram mais para entrar na brincadeira, enquanto outras custam a sair delas, às vezes, preferem brincar calmamente, outras vezes apreciam a brincadeira com mais movimento, com gestos amplos e exploração de sons. A escolha que elas fazem acerca dos objetos, espaços e companheiros de brinquedo é um meio fundamental de recriação da realidade e produção de culturas. Suas escolhas contam muito dos seus desejos, medos, capacidades, potencialidades e formas de interpretar o mundo. Para Redin (2009, p.123) “uma das características essenciais das crianças ainda é o brincar, atividade na qual elas compartilham e produzem, com seus pares, sentidos e significados para o mundo ao seu redor”.

Dessa forma, compreendi que os brinquedos devem estar dispostos na sala de aula como se convidassem as crianças a brincar, a ordem é necessária, mas rigor demais atrapalha a brincadeira, inibindo-a. Então, os brinquedos e outros elementos exploratórios possíveis devem estar acessíveis, visíveis e instigantes, podem ser distribuídos pela sala em diferentes cantos, propondo assim, diferentes pontos de partida para a brincadeira.



## 6 TEMPO E O ESPAÇO DO BRINCAR QUE NÃO TEM FIM

Com essas observações e reflexões foi possível perceber que a rotina, o ambiente físico, os materiais, além da professora são fortes mediadores do brincar na escola. É preciso, enquanto professora, entender a organização do contexto como forma de mediação importante para o brincar, devemos perceber a brincadeira como atividade que tem um fim em si mesma e que é importante para a criança.

Precisamos ter consciência da importância que as brincadeiras e de sua mediação tem para as crianças. Realizando essa pesquisa percebi a importância do contexto, da estrutura física, dos materiais e da forma como eles são organizados para as crianças. Um contexto bem organizado é capaz de estimular uma criança no seu processo de exploração, criação, construção e interação com os outros. Para tanto, é fundamental que a professora exerça seu papel de mediadora.

Brougère (2001, p. 125) afirma que é justamente essa a função, de mediadora da professora durante a brincadeira na educação infantil. Muitas vezes, as práticas só são vistas como atividades que ajudam no desenvolvimento da criança e realmente importantes no contexto da escola, atividades dirigidas pela professora. A preparação do ambiente, a forma como são disponibilizados os brinquedos, os objetos os móveis da sala são ações da professora também muito importantes, principalmente quando se fala de brincar.

Percebi que o contexto educa, a criança aprende por meio dos estímulos que ofertamos no dia-a-dia delas. Precisamos em nosso trabalho com a educação infantil dar mais valor à forma como os tempos e os espaços da escola são organizados, tanto as salas, como qualquer outro ambiente, pois a criança tem direito de brincar e entendê-la como sujeito protagonista e de direitos é proporcionar um brincar de qualidade para ela. Isso inclui tempo, espaço, materiais, formação de nossa parte e principalmente, ampliar as experiências para as crianças nas ações pedagógicas realizadas no cotidiano escolar.

Durante essas práticas de intervenção junto às crianças constatei que a organização dos espaços na educação infantil é fundamental para o desenvolvimento integral da criança, pois desenvolve nelas suas potencialidades e propondo o seu desenvolvimento completo de suas habilidades. Isto porque a criança que vive em um ambiente construído para ela e por ela, vivência emoções

que a farão expressar sua maneira de pensar, bem como a maneira como vivem e sua relação com o mundo.

É uma experiência única trabalhar com essas crianças, participando com entusiasmo, onde as aprendizagens que ocorreram dentro dos espaços disponíveis que foram colocados ao acesso delas, são fundamentais na construção da autonomia, de forma que são construtoras de seu conhecimento. Dessa forma, o conhecimento se constroi a cada momento em que a criança tem a possibilidade de poder explorar os espaços disponíveis a ela, construindo relações a partir dele.

Entende-se que o papel do adulto no espaço é o de um parceiro mais experiente que promove as interações, que planeja e organiza atividades com o objetivo de que, através das relações dentro do espaço que oferece, busque o desenvolvimento integral de todas as potencialidades da criança. Então, dediquei-me à proposta voltada para qualificar as experiências das crianças, buscando sempre melhorar a minha prática, elaborando sempre novas alternativas de construir o conhecimento do grupo como um todo, facilitando as interações, promovendo e construindo espaços adequados para as crianças.

Rinaldi apud Ceppi e Zini ( 2013, p. 124), afirma que “devemos fazer o esforço máximo para estarmos conscientes do espaço e dos objetos que lá colocamos, tendo em mente que os espaços nos quais as crianças constroem suas identidades e suas histórias pessoais são muitos, tanto reais, quanto virtuais.

Muitas são as propostas apresentadas por vários autores, mas só serão colocadas em prática se o educador infantil tomar consciência da importância de oferecer espaços ricos de explorações, descobertas e aprendizagens na vida das crianças, passando a reconhecer a importância das trocas que ocorrem nos espaços oferecidos como um fator essencial na vida da criança.

## REFERÊNCIAS

BATISTA, Rosa. **A rotina na Educação Infantil. In: Síntese da qualificação profissional.** Florianópolis: SME, 2000.

BROUGÈRE, Gilles. **Brinquedo e cultura.** São Paulo: Cortez, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Parâmetros Básicos de Infraestrutura para Instituições de Educação Infantil.** Brasília: MEC/SEB, 2006 a.

BRASIL. **Constituição da República Federativa.** Texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988. Brasília: Congresso Nacional.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente.** 15 ed. São Paulo: Saraiva, 2007.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Parecer CNE/CEB n. 20, de 11 de novembro de 2009. Revisão das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil.** Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, Seção 1, p. 14, 9 dez. 2009.

CEPPI, Giulio. ZINI, Michele. **Crianças, espaços, relações: como projetar ambientes para a educação infantil.** Porto Alegre: Penso, 2013.

CORSARO, William A. Reprodução interpretativa e cultura em pares. In: MÜLLER, Fernanda; CARVALHO, Ana Maria Almeida. (Org). **Teoria e Prática na pesquisa com crianças: diálogos com Willian Corsaro.** São Paulo: Cortez, 2009.

DEMO, PEDRO. **Educar pela pesquisa.** Campinas: Autores associados.2000

ELKONIN, D. B. **Psicologia do jogo.** 2. Ed. São Paulo: Martins fontes, 2009.

FARIA, Ana L. G. **O espaço físico como um dos elementos fundamentais para uma pedagogia da educação infantil.** Florianópolis, SC: Editora da UFSC, 2005.

FREIRE, Madalena. **Dois Olhares ao Espaço-Ação na Pré-Escola.** Campinas: Papirus, 1986.

FRIEDMANN, A.. **Brincar: crescer e aprender. O resgate do jogo infantil.** São Paulo: Moderna, 1996.

Huizinga, J. **Homo ludens: o jogo como elemento da cultura.** Perspectiva: São Paulo, 1999.

HORN, Maria da Graça. **Cores, Sons, Aromas e Sabores: A Organização do Espaço na Educação Infantil.** Porto Alegre: Artmed, 2004.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Jogo, Brinquedo, Brincadeira e a Educação.** 8ª edição São Paulo: Cortez, 1994.



MALUF, Ângela Cristina Munhoz. **Brincar: prazer e aprendizado**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

Ministério da Educação (MEC). **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília, 2010.

OLIVEIRA, Zilma Moraes Ramos de; MELLO, Ana Maria; VITÓRIA, Telma; FERREIRA, Maria Clotilde Rossetti. **Creches: Crianças faz de conta e Cia**. Petrópolis, RJ: Editoras Vozes, 2011.

SARMENTO, M.J. **Sociologia da infância: correntes e confluências**. Petrópolis: Vozes, 2005.

REDIN, Marita Martins. Crianças e suas culturas singulares. In: MÜLLER, Fernanda; CARVALHO, Ana Maria Almeida. (Org). **Teoria e Prática na pesquisa com crianças: diálogos com Willian Corsaro**. São Paulo: Cortez, 2009.

Rubem Alves. **Caixa de Brinquedos**. Disponível em: <http://revistaeducacao.com.br/textos/123/artigo234197-1.asp> 18. Acesso em 18 de abril 2016

VIGOTSKI, I.S. **A Formação Social da Mente**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2009.

ZABALZA, Miguel A. **Qualidade em educação infantil**. Tradução Beatriz Affonso Neves. Porto Alegre, Artmed, 1998.